



O USO DA COMUNICAÇÃO AUMENTATIVA E ALTERNATIVA (CAA) NA EDUCAÇÃO INFANTIL BENEFICIANDO A INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBEX

Daniella Ferreira Cordeiro ¹
Gilvanici Rebeca dos Santos ²
Rafaella Asfora Siqueira Campos Lima ³

RESUMO

Acessibilidade comunicacional para pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) refere-se a oferta de recursos, atividades e estratégias que promovam a independência e autonomia, aos indivíduos que necessitam de suportes específicos para se comunicar, tendo como um de seus recursos a Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA). A CAA é uma subárea da Tecnologia Assistiva (TA), que auxilia na diminuição das barreiras e dificuldades existentes nas pessoas com necessidades complexas de comunicação, como é o caso de muitos estudantes com TEA. Nesse sentido, este artigo trata de um relato de experiência de cunho descritivo exploratório, originado das vivências no projeto de extensão “O uso da Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA) para promoção da acessibilidade comunicacional em crianças com TEA no Centro Municipal de Educação Infantil Professor Paulo Rosas”, da Universidade Federal de Pernambuco, entre 2022-2023, tendo como público-alvo 10 crianças com autismo, 20 pais/cuidadores das crianças, 4 docentes e 1 professora do Atendimento Educacional Especializado. Metodologicamente, foram realizadas observações não participantes, das crianças com TEA, com registro em diário de campo, análise da acessibilidade comunicacional do espaço físico e entrevista semiestruturada com os professores. A partir das observações foram desenvolvidas propostas de sinalização dos espaços, confecção de rotinas visuais, dentre outras ações, de modo a facilitar a compreensão e participação dos estudantes. Analisando-se o conteúdo das entrevistas e do diário de campo, constatou-se a necessidade de garantir a acessibilidade comunicacional no contexto escolar a partir do uso da CAA e orientações aos docentes, uma vez que foi observada a carência de mecanismos para suprir tal demanda. Dessa forma, promover o desenvolvimento da comunicação das crianças com TEA por meio do uso de ferramentas da CAA e instrumentalizar os docentes da educação infantil, estimula o desenvolvimento da interação sócio-comunicativa, contribui no processo de aprendizagem e promove a educação inclusiva e equitativa.

Palavras-chave: Comunicação Aumentativa, Comunicação Alternativa, Educação Infantil, Autismo, Inclusão.

INTRODUÇÃO

O trabalho apresenta o relato de experiência de graduandas do curso de Pedagogia e Psicologia que participaram do projeto de extensão “O uso da Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA) para promoção da acessibilidade comunicacional em crianças com TEA

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, daniella.cordeiro@ufpe.br;

² Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, gilvanici.rebeca@ufpe.br;

³ Professora orientadora: Doutora em Psicologia Cognitiva, Centro de Educação - UFPE, rafaella.sclima@ufpe.br.



no Centro Municipal de Educação Infantil Professor Paulo Rosas”, da Universidade Federal de Pernambuco, Campus Recife. Com realização de atividades entre julho de 2022 a abril de 2023, onde foi realizada intervenção na comunicação e nos processos de ensino e aprendizagem individuais/coletivas das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Nesse sentido, o principal objetivo deste estudo é apresentar os benefícios do uso da Comunicação Aumentativa e Alternativa na inclusão educacional durante a primeira infância. Tal aspecto corrobora com o objetivo do projeto que visa contribuir para a inclusão educacional de crianças autistas e promover a acessibilidade comunicacional por meio do uso de CAA nos espaços escolares. Partindo da premissa de que a Educação Infantil, é uma fase primordial para realizar as intervenções comunicacionais com as crianças, pois estão em pleno desenvolvimento.

A princípio, é relevante pontuar que o TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado, segundo a AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA) (2014), por um déficit persistente e precoce na comunicação e na interação social em múltiplos contextos, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesse e atividades, sendo suas causas multifatoriais. Seu diagnóstico é realizado numa perspectiva clínica e sob os critérios do DSM-V e CID-10, havendo a contribuição de uma equipe multidisciplinar. Tanto os sinais, como o comprometimento do TEA, podem variar entre os indivíduos, não só por causas ambientais, comportamentais, dentre outros, mas também a depender do nível substancial de suporte em que ele se encontra.

No que tange a comunicação, é sabido que esta é multimodal, ou seja, existem diversas formas de expressar o que o indivíduo deseja falar, através de gestos, sinais, expressões faciais, contato visual, movimentos corporais, entre outras maneiras. Além disso, ela é usada como um de nossos recursos de interação entre os pares, visto que somos indivíduos sociais. Contudo, observa-se que dentro do espectro do autismo, a linguagem funcional pode apresentar uma variável de comprometimento para o sujeito, uma vez que, segundo Montenegro et al. (2021, p.2), “[...] os comprometimentos linguísticos desses indivíduos podem estar presentes na morfologia, fonologia, sintaxe, semântica e pragmática.”. Assim, podendo acarretar em “[...]dificuldades nos processos da intersubjetividade primária, observados pela ausência de reciprocidade social no momento do sorriso social quando bebês, bem como ausência de antecipação da conduta [...]” (MATTOS e NUERNBERG, 2011, p.132)

Devido a isso, os indivíduos autistas podem apresentar atrasos em habilidades sociocognitivas, na construção de expressões linguísticas, aprendizagem de símbolos



linguísticos, sendo presentes, por exemplo, no contexto educacional, dessa forma interferindo tanto em seu processo de inclusão, como também no de escolarização. Isso porque, “[...] quanto maior o comprometimento cognitivo, maior a tendência a isolar-se e a não se comunicar pela dificuldade em compreender as interações sociais.” (KLIN, 2016 apud SANINI e BOSA, 2015, p.174).

O grande desafio da inclusão de pessoas com o TEA está na garantia de permanência e aprendizagem. Na primeira infância são encontradas barreiras comunicacionais e dificuldades da criança atípica se regular no ambiente. Visto que, os espaços e principalmente as salas de aula, são repletas de informações na parede, como: cartazes, imagens, painéis decorativos, alfabeto, e etc. A partir disso, “é necessário identificar métodos que tracem objetivos e metas. Não é algo fácil descobrir um método que seja eficaz, mas o primeiro passo é conhecer o que é o autismo, a individualidade de cada criança autista [...]” (CANCELIER, 2022, p.6).

Assim, nota-se que em espaços educacionais, torna-se relevante a promoção da acessibilidade comunicacional, através do uso de Tecnologias Assistivas (TA), que possibilita a promoção da independência e autonomia das crianças autistas, com o uso de “[...] produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência[...]”. (BRASIL - SDHPR. – Comitê de Ajudas Técnicas – ATA VII).

Um dos princípios que promove a inclusão é a acessibilidade que, de acordo com o Decreto Federal Nº 5.296, de 02 de dezembro de 2004, a acessibilidade é assegurar a condição para utilização com segurança e autonomia total ou assistida dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de informação e comunicação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida. (BRASIL, 2005, p.45). Ou seja, instigar e desenvolver mecanismos de acessibilidade que abarquem a necessidade do indivíduo é um direito assegurado, e a partir dele há a possibilidade de diminuição das barreiras para promover a inclusão.

Outrossim, sabendo que a ausência ou e os prejuízos comunicacionais podem se apresentar no autismo, dentro do campo da acessibilidade, tem-se a acessibilidade comunicacional, que refere-se a oferta de recursos, atividades e estratégias que promovam a independência e autonomia, aos indivíduos que necessitam de suportes específicos para se comunicar, tendo como um de seus recursos a Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA), que é definido por Walter (2015), como:



“A Comunicação Aumentativa e Alternativa - CAA é uma das áreas da TA que atende pessoas sem fala ou escrita funcional ou em defasagem entre sua necessidade comunicativa e sua habilidade em falar e/ou escrever. Busca então, através da valorização de todas as formas expressivas do sujeito e da construção de recursos próprios desta metodologia, construir e ampliar sua via de expressão. Recursos como as pranchas de comunicação, construídas com simbologia gráfica (desenhos representativos de idéias), letras ou palavras escritas, são utilizados pelo usuário da CAA para expressar suas questões, desejos, sentimentos, entendimentos.” (WALTER, 2015, p.2)

Dessa forma, sabendo que a primeira infância é um pilar importante para o seu desenvolvimento, proporcionar um ambiente educacional inclusivo para que favoreça este aspecto, é de suma importância. Como é abordado por Cancelier (2022), as crianças com TEA necessitam de uma organização da rotina por meio dos recursos visuais, pensadas em suas individualidades e que tenham momentos de escolhas. Mas, essas rotinas devem considerar os contextos sociais das crianças, visando a sua autonomia e trabalhando a antecipação que auxilia na regulação.

Para que ocorra uma efetiva inclusão educacional ainda nos primeiros anos, é necessário que os educadores (as), tenham conhecimento acerca do que é o TEA, informações das características e singularidades do aluno, quais práticas pedagógicas mais condizem com as individualidades, desenvolvimento e aprendizagem no espectro, entre outras informações que servem para desmistificar crenças e tendências de comportamentos que existem em um determinado grupo. Sendo assim, se faz necessário que as instituições de ensino realizem flexibilização curricular, formação continuada, promova acessibilidade comunicacional, instrumental e programática. Dado ao exposto, Togashi e Walter (2016), ressaltam que:

Neste sentido, a formação continuada é um dos fatores que contribuem para a garantia do aprimoramento profissional no ambiente escolar. Além da formação continuada, ressalta-se ainda que esta pode estar aliada ao desejo do professor em querer desenvolver um trabalho pedagógico de qualidade, uma vez que a capacitação visa oferecer novos conhecimentos e atualizações de conceitos e sugestões de práticas cotidianas no contexto escolar, mas se não houver o interesse do professor em querer renovar, criar e reinventar suas técnicas, de nada adianta os cursos de atualização oferecidos. (TOGASHI e WALTER, 2016, p.357).



A prática pedagógica inclusiva vai ser norteada tendo ênfase nas individualidades de cada criança, levando em consideração os prejuízos e barreiras comunicacionais que a criança com TEA enfrenta, bem como os desafios presentes no cotidiano escolar que o professor lida, é necessário que ocorra um trabalho interdisciplinar que envolva: professores, fonoaudiólogos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, família e outros. A parceria entre todos os participantes desse processo, facilita o aprimoramento da comunicação e interação dessa criança com o meio e as pessoas.

Diante dessas questões teóricas apresentadas ao decorrer do estudo, sobretudo na questão da promoção da acessibilidade às crianças com TEA na primeira infância, e sobre a necessidade de ações que possam auxiliar a minimizar essas dificuldades, este relato de experiência abarca retratos acerca da eliminação das barreiras comunicacionais do ambiente escolar, além de contribuir na implementação da CAA e com a formação dos profissionais envolvidos na inclusão social dessas crianças.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica utilizada neste relato de experiência conta com a pesquisa-ação, através da análise das informações coletadas, diários de campo, diagnóstico da acessibilidade comunicacional do espaço físico e entrevista semiestruturada que visam a melhoria e o entendimento das práticas sociais e educacionais que ocorreram no ambiente observado e que são relacionadas ao projeto “O uso da Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA) para promoção da acessibilidade comunicacional em crianças com TEA no Centro Municipal de Educação Infantil Professor Paulo Rosas”.

Assim, compreendemos que a pesquisa-ação é um tipo de “investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo [...]” (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p. 40 apud THIOLENT, 1988), onde os pesquisadores e os participantes se envolvem de modo cooperativo. Tendo como principal objetivo a reflexão acerca das ações desenvolvidas pelos participantes do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a partir de uma tríade ensino-pesquisa-extensão.

Nessa perspectiva, a pesquisa tem caráter descritivo exploratório, registrando e descrevendo os fatos que foram observados. Em consonância aos objetivos, foi adotado a abordagem qualitativa, que emerge a partir da necessidade da investigação das relações sociais acerca das condições da vida urbana e os seus problemas sociais. Portanto, o estudo



tem natureza de caráter básico, visto que, como diz Appolinário (2011), pode ser considerada como básica toda pesquisa que não tem a intenção de uma aplicabilidade rápida dos frutos que são colhidos durante a pesquisa.

Ademais, os instrumentos utilizados durante a pesquisa foram as entrevistas semiestruturadas com as professoras, diários de campo e questionário com os pais. Acerca do público-alvo, o mesmo foi composto por 10 crianças com autismo, 20 pais/cuidadores das crianças, 4 docentes e 1 professora do Atendimento Educacional Especializado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto “O uso da Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) para promoção da acessibilidade comunicacional em crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) no Centro Municipal de Educação Infantil Professor Paulo Rosas”, nasceu da necessidade de promover uma comunicação funcional as crianças diagnosticadas com autismo, no ambiente educacional através da CAA. No período de registro Julho/2022 à Abril/2023, respaldado em experiências, que possibilitaram a realização de intervenções para a acessibilidade à comunicação na educação infantil em crianças com TEA e a experiência formativa aos estudantes que foram instrumentalizados favorecendo as formações, e a tríade de ensino, pesquisa e extensão.

Foi desenvolvido em parceria com o Centro Municipal de Educação Infantil Professor Paulo Rosas, localizado na cidade de Recife-PE. Durante o primeiro semestre de vigência do projeto, promoveu-se o levantamento acerca das crianças que tinham o laudo e em consequência iniciou-se as observações acerca da acessibilidade arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal na creche, além de refletir acerca dos aspectos de comunicação, interação, comportamento, aspectos motores e sensoriais das crianças.

A partir disso, foi registrado no diário de campo, aspectos sobre a interação social e comunicação das crianças e seus comportamentos no cotidiano através das brincadeiras e atividades propostas no ambiente. Logo após, foi articulado o contato com os responsáveis de cada criança para a realização de entrevistas com a aplicação dos protocolos: Anamnese, Avaliação de Tratamentos do Autismo (ATEC), Avaliação da Comunicação nos Transtornos do Espectro do Autismo (ACOTEA) e o questionário de preferências.

Nesse levantamento inicial acerca da criança e das suas preferências, é abordado questões sobre o desenvolvimento da criança, dos seus gostos e interesses, quais são as suas

estereotípias, seu hiperfoco, sua relação com as pessoas, um pouco acerca da sua rotina e da sua família, dentre outras informações. É importante realizar esse questionário a partir da visão que os pais têm acerca da criança e comparar com as observações realizadas no ambiente educacional.

Em seguida, foi realizada uma entrevista semiestruturada com os educadores e a profissional do Atendimento Educacional Especializado (AEE), tendo como eixos norteadores: a formação acadêmica, tempo de atuação, conhecimento sobre autismo, entendimento acerca de comunicação alternativa, práticas utilizadas, percepção do ensino e aprendizagem de alunos com TEA, avaliação, acessibilidade comunicacional e formação continuada.

Ao realizar a discussão sobre as respostas obtidas pelos profissionais da educação, vamos utilizar as letras: A,B,C,D e E para designar esses indivíduos como forma de resguardar suas identidades. Sendo assim, em relação à pergunta 1 – O que você compreende por Comunicação Alternativa e Aumentativa?

A professora “A” ao responder disse que: “Não tenho noção”. Eu creio que um esteja dentro do outro. Porque alternativa, no contexto geral, fala de dar alternativas, possibilidades, exemplos para que aquelas pessoas que estejam mostrando a gente essa questão, dar pra gente meios de como trabalhar, de o que fazer, de ajudar aquelas crianças com TEA, ou outras dificuldades. E o aumentativa, é o fato de aumentar mais conhecimento, de mostrar, de trazer, juntando com as alternativas. Eu creio que seja mais ou menos por essa área.”

Já a Professora “B” articulou que: “Nunca ouvi nem falar. Posso fazer o tempo inteiro, mas o termo, não.”

A Professora “C” descreveu: “Muito pouco, imagino que sejam as comunicações que podem substituir a comunicação padrão que é fala, já vi esses cartões, e já vi que em alguns momentos usam a LIBRAS.”

A professora “D” relatou: “Não sei”

A professora “E” disse: “ “Eu acho que é o acesso à forma com que eu consigo chegar e me fazer entendida. Assim como, a forma como o outro também consegue chegar pra mim, que não vai ser de uma forma convencional, tá?[.....].”

Como podemos observar, existe um desconhecimento do que seria a CAA e que é uma ferramenta utilizada por crianças com necessidades complexas de comunicação como é o caso do TEA. A partir disso, foi questionado se essas profissionais já tiveram alunos que usassem essa ferramenta de comunicação e ambas as respostas foram alegando que nenhuma criança

usava. A seguir, realizamos a pergunta 3 - Você já teve capacitação sobre a Comunicação Alternativa e Aumentativa?

A professora (A) respondeu alegando que: “Não, nenhuma.”

Já a Professora (B): “Não. Na verdade, a gente nunca teve formação sobre em questão da educação especial, assim... eu não lembro de na rede, se teve foi uma coisa muito vaga, muito ampla né.”

A Professora “C”: “Não, mas a gente sabe que existe a comunicação alternativa, tem menções. Assim, lá no curso já veio a questão do ABA, foi uma das abordagens trazidas como uma opção”.

A Professora “D”: “Não.”

A Professora “E”: “Não, formação pela Prefeitura do Recife não. Por conta própria eu já participei, quando a agenda casa, eu já participei no Cecine, de palestras que o Cecine organiza e eu já fui pra duas quando eu recebi a primeira criança autista na minha turma, em 2019.”

Segundo as falas das professoras percebemos a necessidade de ofertar formações continuadas na área de educação inclusiva com ênfase nos recursos comunicacionais que podem ser usados a favor do ensino e aprendizagem das crianças com TEA. Visto que, existem barreiras na comunicação dessas crianças com as demais pessoas do seu cotidiano, e isso tem impacto no seu desenvolvimento e na sua inclusão no ambiente educacional. Essas respostas também mostram o quanto a formação desses profissionais não é suficiente para receber alunos com deficiências.

A partir disso, foram realizadas formações continuadas acerca da CAA com os educadores, auxiliares de Desenvolvimento Infantil (ADI) e os Agentes de Apoio ao Desenvolvimento Escolar Especial (AADEE). A fim de promover uma capacitação inicial acerca do TEA, das suas características e singularidades no ambiente educacional, e como o uso da CAA auxilia na eliminação das barreiras comunicacionais apresentadas pelas crianças e a importância da mesma para a aprendizagem e interação social;

Ademais, dentre das ações que foram realizadas, destacam-se as sinalizações dos espaços escolares onde as crianças circulam, desde os espaços externos até os internos, como a rotina de lavar as mãos, a de fazer o xixi e o coco e de como tomar banho. Ajudando na realização de atividades diárias e no desfralde, que seguem uma sequência, já que muitas crianças com TEA apresentam dificuldades. Dessa forma, o suporte visual auxilia todas as crianças e não apenas as autistas, na realização dessas atividades e até mesmo no e autonomia do indivíduo.

Figura 1: Prancha visual: escovar os dentes.



Fonte: Registro fotográfico realizado pelas autoras.

Figura 2: Sinalização da Sala de Recurso Multifuncional (SRM)



Fonte: Registro fotográfico realizado pelas autoras.

A partir da observação da rotina diária das crianças e dos espaços que elas se locomoviam na creche, foi realizada a criação de rotinas para elas. Onde se tinha uma estrutura mais rígida com a sua imagem e velcro, e abaixo um espaço com pictogramas que continham velcro para colocar na estrutura e as educadoras, juntamente com os estagiários e a criança, montarem a rotina do dia dando previsibilidade e evitando que a criança se desregule.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A promoção da acessibilidade comunicacional através do uso da CAA, é de suma importância para estimular o desenvolvimento da interação social das crianças com TEA,



além de contribuir para a inclusão efetiva desses indivíduos na primeira infância. Porém, para que isso se efetive se faz necessário que elimine as barreiras comunicacionais existentes no campo educacional, entre o indivíduo com TEA, os profissionais de educação, colegas de turma e os demais profissionais.

Dessa maneira, o uso da CAA promove acessibilidade comunicacional, estimulando o desenvolvimento da interação sócio-comunicativa e contribuindo para seu processo de aprendizagem no ambiente escolar. Além do mais, os recursos de acessibilidade comunicativa beneficiam todas as crianças, especialmente favorece a participação das crianças com autismo que passam a participar mais e compreender melhor o que acontece no espaço escolar. Diante dessas questões, é necessário ações que possam auxiliar a minimizar as barreiras que as pessoas com autismo vivenciam, como impulsionar a formação de todos os profissionais da escola.

Constatamos por meio deste trabalho, que os educadores enfrentam grandes dificuldades para incluir um aluno neurodivergente na infância. Ademais, existe uma grande barreira quando a criança não tem uma comunicação funcional, visto que, os profissionais não têm formação continuada atreladas ao uso de tecnologias assistivas, especificamente, sobre o uso de CAA. Dado ao exposto, o presente projeto visou servir de respaldo teórico para futuras pesquisas na área da inclusão educacional, na primeira infância, TEA, CAA e acessibilidade comunicacional de forma mais ampla.

REFERÊNCIAS

AMARAL, João Joaquim. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 2007.

American Psychiatric Association. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: **DSM-5**. 5th ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

APPOLINÁRIO, Fábio. Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico. In: **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico**. 2007.

CANCELIER, Bruna. **A utilização dos recursos visuais na educação infantil para e com crianças do transtorno do espectro autista: um estudo sobre o método teacch**. 2022.



CORDEIRO, Mariana; DE SOUZA, Magali. Tecnologia assistiva no contexto escolar: Um sistema de comunicação alternativa para letramento de pessoas com autismo / Assistive technology in the school context: An alternative communication system for autism letters. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 6, n. 9, p. 70743–70769, 2020.

MATTOS, Laura Kemp de; NUERNBERG, Adriano Henrique. Reflexões sobre a inclusão escolar de uma criança com diagnóstico de autismo na Educação Infantil. **Revista Educação Especial**. Santa Maria, v. 24, nº 39, p. 129-142, jan./abr. 2011

MONTENEGRO, Ana Cristina de Albuquerque et al. Contribuições da comunicação alternativa no desenvolvimento da comunicação de criança com transtorno do espectro do autismo. **Audiology-Communication Research**, v. 26, 2021.

OLIVEIRA, L. S.; SOUZA, D. P. Acessibilidade comunicacional: a produção do Núcleo de Tecnologia Assistiva do IFAM em obras didáticas e paradidáticas. **P2P E INOVAÇÃO**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 88–101, 2020. DOI: 10.21721/p2p.2020v6n2.p88-101. Disponível em: <https://revista.ibict.br/p2p/article/view/5112>. Acesso em: 1 out. 2023.

SANINI, Cláudia; BOSA, Cleonice Alves. **Autismo e inclusão na educação infantil: Crenças e autoeficácia da educadora**. Estudos de Psicologia (Natal), v. 20, p. 173-183, 2015.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1988

TOGASHI, Cláudia Miharú; WALTER, Cátia Crivelenti de Figueiredo. As contribuições do uso da comunicação alternativa no processo de inclusão escolar de um aluno com transtorno do espectro do autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 22, p. 351-366, 2016.

WALTER, Cátia Crivelenti de Figueiredo. **A comunicação alternativa no contexto escolar: Inclusão de pessoas com autismo**, 2000.